



Apresentação

Em 2014 perdemos nosso colega Eduardo Peñuela Canizal. Diversas homenagens foram realizadas no ano passado com o intuito de celebrar sua contribuição para o fortalecimento do campo da comunicação. Dentre as inúmeras ações empreendidas por Peñuela, cabe lembrar que ele foi o fundador da revista *Significação*, que agora completa 40 anos.

Na década de 1970, Peñuela coordenava o Centro de Pesquisa em Poética da Imagem do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, e também o Centro de Estudos Semióticos. A primeira fase da revista foi marcada, portanto, por este quadro teórico. São traduzidos autores-chave para a área, como indica a publicação, logo no primeiro número de *Significação*, de um dos primeiros artigos de Algirdas Greimas, a saber, "Enunciação". Não à toa, o periódico se definia como 'Revista Brasileira de Semiótica'.

Com a aposentadoria de Peñuela na Universidade de São Paulo, *Significação* permaneceu alguns anos sob a responsabilidade da Universidade Tuiuti (PR). Nos anos 2000, lecionando então na Universidade Paulista (UNIP), ele se incumbiu pessoalmente de garantir o retorno da revista à sua antiga casa, ganhando outro escopo, qual seja, o de se debruçar sobre a chama cultura audiovisual. A partir de 2006, o periódico passou a ser publicado com o apoio do CINUSP "Paulo Emílio", órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, para, em 2010, ser editada pelo Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos

Audiovisuais da ECA/USP, programa que fez questão de ingressar na condição de colaborador. Durante esses quatro anos de convívio na pós, orientou e ministrou uma disciplina, muito aguardada pelos nossos alunos que o conheciam de nome e que eram sabedores de sua excelência como professor. Se isso não bastasse, participou periodicamente das reuniões do conselho editorial da revista. Sua dedicação, experiência, conhecimento e, principalmente, tranquilidade nos momentos de maior tensão institucional farão muita falta.

Muito já se disse sobre o seu papel nos estudos semióticos. Porém, sua obra ainda merece uma revisitação a fim de marcar os caminhos que lá se encontram para o estudo da imagem, seja ela publicitária, fotográfica ou cinematográfica. Por isso, nossa intenção era, neste ano de celebração dos 40 anos de *Significação*, de reeditarmos alguns dos artigos de Peñuela publicados na revista e que ainda não haviam sido digitalizados. O acesso a estes textos somente era possível por meio de bibliotecas que contassem com as versões impressas de seus antigos exemplares, acesso muito restrito, como se sabe. Esse dossiê, assim, seria composto pelas reflexões dele em torno do cinema (Buñuel e o surrealismo eram as suas paixões) e da semiótica, incluindo artigos que fizessem o balanço teórico de sua contribuição em *Significação*. No entanto, fomos agraciados com a boa notícia de que o Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo iria assumir a tarefa de digitalização dos antigos números, trabalho em curso e com previsão de término para 2015.

Com isso, a ideia original do dossiê com os artigos de Peñuela perdeu o sentido. Não, contudo, a necessidade de honrar sua memória e seu trabalho. Estamos certos de que honrar a memória de Peñuela reside no próprio fato de preservar a qualidade editorial atingida pela revista, qualidade que poderá ser observada pelo leitor a partir dos textos selecionados para a presente edição.

O conjunto de textos inicial é dedicado ao cinema e à análise filmica. O primeiro artigo é de Arlindo Machado, que aborda um aspecto pouco conhecido da obra do fotógrafo e cineasta brasileiro, Benedito Junqueira Duarte, um dos responsáveis nos anos 1940 pela introdução do cinema científico no Brasil. Rafael Teixeira e Sandra Fischer discutem o filme *London River* (Rachid Bouchareb, 2009) examinando esteticamente as personagens em trânsito, a partir, como chamam os autores, das dinâmicas interculturais entre as historicidades móveis e as culturas de recepção. “O documentário e a instilação da crença”, de Laécio Ricardo, trata das estratégias criadas pelo cineasta para conferir autenticidade ao discurso filmico ao formato escolhido como objeto de sua reflexão.

Outro conjunto de artigos, dedicado à televisão e outras mídias, se inicia com “Estudos Culturais aplicados a pesquisas em mídias audiovisuais: o circuito da cultura como instrumental analítico”, de Flavi Ferreira Lisboa Filho e Ana Luiza Coiro Moraes, que se propõe a refletir, como indica o título, sobre os conceitos necessários para analisar as imagens em sua contemporaneidade. Já Elizabeth Bastos Duarte, em “Doce de série: as aventuras de dona Picucha”, dedica-se ao seriado *Doce de mãe*, produzido pela Rede Globo em 2012, analisando sua inserção no subgênero *sitcom*. Solange Wajnman aborda em seu artigo a minissérie *Mad Maria* (Rede Globo, 2005), investigando a maneira pela qual os objetos cênicos criam uma memória sensorial. Cristiane Finger e Mário Bressan Júnior examinam “a configuração do laço social e do processo de conversação em *sites* de redes sociais, por meio da utilização das *#saramandaia* e *#donaredonda* no *twitter*”, em abordagem diferenciada no que diz respeito aos estudos de recepção.

Um bloco final é dedicado às questões vinculadas ao corpo, à performance e à identidade. Carolina Natal examina as relações entre o cinema e a dança, com estudos de caso e valorização da dimensão experimental que tal aproximação proporciona. Já

Nísia Martins do Rosário e Lisiane Aguiar estudam as corporalidades midiáticas segundo a perspectiva da semiótica da cultura. Ao final, em texto traduzido especialmente para esta edição por Esther Hamburger e Giancarlo Gozzi, Jean e John Comaroff, professores de Estudos Africanos e Afro-Americanos da Universidade de Harvard e da Universidade de Cape Town, apresentam uma instigante reflexão sobre a noção de pessoa em tempos “pós-coloniais”, ou mais especificamente, na África do Sul pós-apartheid, “onde sequestro de identidade, plágio, falsificação, ou mesmo crimes falsos acontecem cotidianamente, a impostura é especialmente comum”.

A seção ‘resenhas’, por fim, traz três análises de livros recentemente publicados, ampliando o espaço de debate em torno da produção teórica contemporânea.

Esta edição, dedicada à memória de Eduardo Peñuela, contou com os pareceres de Alfredo Suppia, Carlos Gerbase, Fábio Nagakawa, Fábio Uchoa, Gustavo Souza, Itania Gomes, Júlio Cezar Lobo, Mariana Baltar, Marcelo Prioste, Márcia Carvalho, Maurício Ribeiro da Silva, Regiane Nakagawa, Reinaldo Cardenuto Filho, Renato Pucci Júnior e Sonia Montañó, a quem agradecemos.

Eduardo Morettin

Irene Machado